

O DISCURSO AMOROSO EM QUESTÃO

Isabel Osório Tubino do Coutto (FAETEC/CREFCON)
iotubino@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte da dissertação de mestrado apresentada em 2003/UFF. O tema é o amor. Não o amor em si, como objeto de análise a ser desvendado em uma perspectiva acadêmica, mas o amor enquanto resultado de práticas discursivas. O que se pretende, de fato, é voltar a atenção aos modos como o amor é falado, e através da análise dos dados, propor algumas interpretações para os efeitos de sentido produzidos. São muitos os efeitos, são diversas as formas do amor que se apresentam num discurso que ora é inteiro, ora é fragmentado; ora é libertador, ora é castrador; ora é dito, ora é silenciado e ora é retomado. Discursos dispersos, descontinuamente constituídos, e que fazem do amor um efeito, o resultado de uma prática discursiva: a legitimação de conceitos diversos que se fixam culturalmente a partir de um sentido, de uma memória. A interpretação é dada por uma ideologia qualquer, que chega até nós por uma rede interdiscursiva.

Nesse processo, estão em jogo as práticas de organização do poder, presentes nas formações sociais, nas quais vão se inserir a arte, a mídia e as instituições, de uma forma geral. É dessa maneira que os consensos sociais são produzidos e passam a ser tomados como verdades, sem que se possa determinar com precisão a partir de que ponto tal fenômeno teve seu início.

Mesmo que o homem tenha passado por tantos momentos históricos, tantas revoluções, tantas guerras e mesmo com a evolução tecnológica dos últimos tempos, que trouxe tanta mudança, parece que o amor permanece e só através dele o homem se define. O amor, considerado a partir de tudo o que sobre ele se disse, tem se constituído como o signo de nossa felicidade. Amor e felicidade (ou a falta destes) entrelaçam-se através da linguagem. Conceitos abstratos que se articulam e as designações e os sentidos só são possíveis na perspectiva da relação linguagem-sujeito-história.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Através dos significados atribuídos ao amor, chega-se ao sujeito. Pelo enunciado é possível chegar ao sujeito da enunciação. Assim sendo, não se pode pensar em amor sem pensar em sujeito, na natureza das relações simbólicas a que ele se filia, seu ponto de vista, suas experiências, seu discurso dentro de uma prática social, em sintonia com uma memória que o antecede e que o predetermina como sujeito ocidental. Para a análise, escolhemos como sujeito o adolescente. Foram analisados textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental (8º. e 9º. anos) de duas escolas da rede pública do Rio de Janeiro.

Os alunos, adolescentes entre 12 e 16 anos, produziram seus textos em sala de aula e tentaram colocar no papel suas definições sobre amor e paixão ou a descrição de como seria a pessoa ideal para amar, a partir da leitura de alguns textos sobre o tema. As redações, cujos fragmentos são aqui reproduzidos, foram transcritas exatamente da maneira como os alunos as escreveram, sem nenhum tipo de correção, para evitar qualquer forma de interferência.

Encontramos na obra *Fragments de um Discurso Amoroso* (Barthes, 2000), grande suporte para o trabalho, no sentido de identificar as várias formas discursivas de se falar sobre o amor. Na referida obra, o enamorado é alguém que fala de si mesmo, apaixonadamente, para o outro. Seu discurso se constitui através de figuras que aparecem no livro em forma de verbetes para remeter às formações ideológicas relativas ao amor que comparecem na fala de personagens, ou de autores da literatura universal, além de canções populares alemãs (*lieden*) e até mesmo de conversas entre amigos do próprio autor. É assim que se pode delinear o sujeito enamorado: alguém que se debate e se desgasta num discurso repetitivo. As figuras se formam a partir de palavras que remetem a outras palavras, são como versetos, refrões, estribilhos e aparecem de forma que podem ser reconhecidas no discurso como algo já lido, ouvido, vivenciado; um discurso que se constitui de desejos, a partir de um imaginário.

O que Barthes coloca como título de cada figura não é a sua definição, mas o que se diz sobre ela. Assim, cada figura se forma a partir de uma palavra que remete a uma frase. Essas frases funcionam como matrizes que vão escrever discursivamente o objeto amor.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

LOUCO. O sujeito apaixonado é atravessado pela ideia de que ele está ficando louco. Mas podemos imaginar um louco enamorado? De modo algum. Eu só tenho direito a uma loucura pobre, incompleta, metafórica: o amor me deixa como louco, mas não comunico com a sobrenatureza, não há em mim nada de sagrado: minha loucura, simples perda da razão, é insignificante e até invisível; de resto totalmente recuperada pela cultura: ela não mete medo. (É, entretanto, no estado amoroso que certos sujeitos razoáveis adivinham de repente que a loucura existe, é possível, está bem próxima: uma loucura na qual o próprio amor naufragaria) (Werther, *apud* Barthes, 2000, p. 216)

O que se observa nas redações escolares produzidas pelos alunos é a reprodução das mesmas formas discursivas sobre o amor (como em Barthes):

[1] “A pessoa que ama de verdade é capaz de fazer qualquer coisa para conquistar a pessoa amada, **até mesmo uma loucura**”. (Viviane, 7ª. série, 13 anos).

[2] “**A paixão para muitos é loucura** porque é uma coisa que acontece tão rápido e às vezes termina tão rápido, mas também é uma coisa que acontece rápido e pouco a pouco se torna um grande e lindo amor”. (Dayane, 7ª. série, 13 anos).

[3] “O amor é uma coisa que está abaixo da paixão, quando uma pessoa se apaixonou, **ela comete loucura pela outra**, chegam até a matar se for possível, e o amor não, à medida que a pessoa deixa de amar a outra pessoa, ela não vai matar a outra porque deixou de amá-la. (Wallace, 7ª. série, 13 anos).

Além de Barthes, outro autor trouxe relevante contribuição à pesquisa. O psicanalista carioca Jurandir Freire Costa (1999) traz à tona algumas formações ideológicas que cercam o amor em nossa cultura: 1) é um sentimento universal e cultural; 2) é um sentimento “surdo” à “voz da razão”; 3) é condição *sine qua non* da felicidade.

Ao apontar algumas dessas formações, o autor nos leva à reflexão sobre algumas “verdades” que se constituíram ao longo do tempo sobre o amor: (1) sem amor estamos amputados de nossa melhor parte, se não amamos a vida pode ser mais tranquila, mas sem emoção; sem o amor (paixão, amor erótico) tudo perde a razão de ser; (2) o “verdadeiro” amor seria sentir o mesmo que heróis e heroínas dos enredos amorosos que chegaram até nós já interpretados; (3) a imagem do amor (típica do romantismo) domina o imaginário: o amor erótico é o signo supremo do Bem; (4) quando o amor é bom, dura pouco, e, quando dura, já não entusiasma; (5) de uma forma ge-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

neralizada, as pessoas se convenceram de que “amar é sofrer” e quem não quer o sofrimento deve abrir mão do amor.

Tais formações podem ser claramente evidenciadas nas redações escolares, como veremos no exemplo [4], a seguir. O aluno fala em “outra metade”, “a pessoa começa a derreter”, ou seja, não se pode ser feliz sem a outra metade, o ser humano é incompleto até encontrar o amor. Quando o amor chega, contudo, perde-se a capacidade de raciocínio, o amor é sempre um sentimento que se apossa do sujeito, subitamente, impossibilitando-lhe a razão.

[4] “O amor é uma coisa que todas as pessoa sente quando acha a **sua outra metade**, a pessoa começa a derreter achando que a outra pessoa sente amor por ela, essa pessoa não sabe ainda o que é o amor, o amor é uma coisa tão derrepente agente nem senti quando chega porque **não temos noção** na hora de pedir para namorar não tem cabeça por que fica muito nervoso e não tem coragem de pedir na cara de pau. O amor é **tudo isso** que você sente dentro do coração”. (Paulo Victor, 8ª. série, 13 anos).

Ao produzir seus textos, o sujeito não pode desprender-se dos fatores históricos e sociais que interferem nesse processo de produção. Os sentidos se constroem contextualmente, não existe sujeito que não seja afetado por sua temporalidade. É nas entrelinhas, no que deixou de ser dito, no produto de interdiscursos que são obtidas as “pistas” das formações discursivas que aparecem nas redações escolares e que deixam transparecer ideologias relativas ao amor.

[5] “A paixão é um sentimento que **quando vem não da para seguir**, a paixão é um Sentimento que **todo ser humano sente** quando está apaixonado por alguém”. (Felipe Francisco, 7ª. série, 12 anos).

Consolidação da ideia de que do amor pertence à natureza humana. Quando ele chega, apropria-se da pessoa, que dele não tem como fugir. É também comum a noção de que o amor embaça os sentidos, afetando a razão do sujeito enamorado, que se torna incapaz de raciocinar ou enxergar os defeitos do outro. O amor é cego e “surdo à voz da razão”. Vejamos a seguir os exemplos 6 e 7:

[6] “Amor, um sentimento que **deixa as pessoas cegas** para os defeitos. E que faz com que as pessoas inventem ou vejam muitas qualidades que na verdade não existem (...)”. (Gledson, 7ª. série, 12anos).

[7] “O amor existe, é um sentimento muito forte e **ninguém vai poder mudar isto**”. (Débora, 7ª. série, 12 anos).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

O texto número 8 apresenta uma construção interessante, uma vez que nele o aluno constrói todo um ideal de vida a partir da existência de uma pessoa, a pessoa certa, que ele vai encontrar um dia, vai concretizar a felicidade amorosa através do sacramento religioso – o matrimônio – e só então ele será feliz, tão feliz que pode até morrer, porque já estará plenamente realizado. O amor aqui é visto como a condição máxima e definitiva para a felicidade.

[8] “tem **uma pessoa** que um dia eu encontrarei e **me casarei** com essa pessoa. (...) Quando eu encontra esse meu amor eu sei que **vou ser um homem muito feliz** e até posso casar e ter uma grande família e quando esse dia chega eu já **posso morrer em paz**”. (Francisco, 7ª. série, 13 anos).

As argumentações de Freire Costa (1999) apresentam muitos pontos de convergência com as ideias de Foucault (1993) no que dispõe sobre o amor como produto de discursos e, sobretudo, quanto à existência do poder – uma “força” social, simbólica, que cerceia e determina o comportamento humano em cada época. Freire Costa também sustenta a existência de uma “máquina” que cresce por trás desse imaginário (novelas, filmes, moda, mídia). Psicólogos, religiosos, cartomantes, astrólogos, todos, cada um de acordo com sua posição ideológica, acabam por manter uma rede interdiscursiva sobre o amor, a memória que ratifica a impossibilidade de completude de felicidade do sujeito que não ama e/ou não é amado. É necessário ao sujeito certo deslocamento para perceber as artimanhas desse jogo do poder, a fim de não se sentir culpado pelos “fracassos” amorosos. Nessa perspectiva, o amor é visto como uma “crença emocional”, que pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou simplesmente abolida. O amor, dessa maneira, teria sido inventado como quase tudo que fundamenta nossa cultura, e como objeto cultural, pode ser a qualquer momento revisto e recriado, conforme a época, o lugar e as ideologias vigentes.

Logo no início da pesquisa ficou claro que seria necessário um exaustivo trabalho de “garimpagem” para encontrar obras que servissem como suporte teórico. O tema é rico e sobre ele há uma vasta literatura disponível, entretanto, nem tudo pode ser considerado quando se pretende uma abordagem acadêmica. O trabalho inicial foi, portanto, o de selecionar obras que pudessem ser apontadas como referência segura: autores consagrados, pesquisadores, professo-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

res que não abordassem o tema de maneira superficial ou como proposta de solução de vida, seguindo o modelo dos livros de auto-ajuda.

A seguir, apresentaremos parte da pesquisa que aborda o discurso amoroso considerando a relação entre linguagem e história: o amor como objeto discursivo, a prática discursiva que gera conceitos e “verdades”, a ideologia que cerca o amor passando por alguns momentos importantes da História, desde a Grécia Antiga.

O DISCURSO AMOROSO

De acordo com Freire Costa (1999), há duas vertentes principais nos estudos sobre o amor: a visão idealista, na qual se inserem o amor platônico, o cristianismo, o amor cortês e o romantismo; e a visão realista, que procura dar uma sustentação mais “científica” ao amor, uma visão menos abstrata. Aos poucos, o autor apresenta o pensamento de autores de ambas as linhas, concordando em alguns pontos e discordando em outros, para chegar à conclusão de que falar do amor é muito mais apontar a “prescrição do que deve ser” do que a “descrição do que ele é”. Tudo o que se disse sobre o amor está presente nessas duas vertentes (idealista e realista) e é nessa junção que o homem contemporâneo ama. O homem moderno aprendeu a amar de acordo com os preceitos herdados do amor romântico e de tudo o que o antecedeu, e é de acordo com essa visão que ele procura formar suas famílias e núcleos sociais. Entretanto, há hoje um apelo ao consumo que torna os indivíduos ávidos devoradores de coisas e de outros indivíduos. Essa avidez se reflete nas relações amorosas e no modelo atual familiar.

A grande questão que se coloca, entretanto, é: será que o homem amou de forma diferente e melhor, ou mais profundamente em épocas anteriores? Ao que parece, a valorização do sentimento amoroso sempre foi reforçada nos períodos de maiores incertezas históricas, como se o homem buscasse no amor uma compensação nos momentos de maior dificuldade. Na verdade, o discurso que sustenta a idealização amorosa (e dita como ele deve ser) tende a colocá-lo como salvação para todos os males, a compensação para as frustra-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ções, medos, desigualdades sociais, guerra e todo tipo de insatisfação ou percalço.

Embora os valores sociais se organizem de forma diferenciada através dos tempos, o que se preserva é a forma de expressão: a linguagem. Por mais que o homem tente respaldar-se em conceitos e teorias para dar maior credibilidade ao seu dizer, nada pode ser assegurado, uma vez que os dizeres vão e vêm, em movimentos alternados, associados a guerras, crises, crenças, como elos de uma cadeia que se estabelece a partir de uma memória e assim se constituem: discursos. Assim como tantos outros, o discurso amoroso se apresenta de maneira vaga e escorregadia. E Platão, que obviamente não foi o primeiro a falar de amor, mas que é quase sempre o ponto de partida nos estudos sobre ele, bem, Platão sabia disso. Tanto que, para explicar o amor no *Banquete*, serve-se de diálogos.

O Banquete (Platão, 1999) apresenta um conjunto de opiniões confrontadas em um jogo que se inicia da forma mais imprecisa possível: Apolodoro, que não estava presente, narra a um amigo, dezesseis anos depois do fato ocorrido, o que ouviu de outro amigo, Aristodemus, este sim, presente ao Banquete. São diálogos recontados por alguém, através da inexactidão da fala e da memória, numa época em que não havia o registro da escrita. Certamente, tudo o que foi dito poderia não ter sido bem assim...

... o que se tem são sempre discursos que se referem a discursos e são mediadores de outros discursos. Ou seja: o tema do amor existe na intermediação dos discursos, no campo plural da fala, da interlocução sustentada pela memória, mas marcada inevitavelmente pela incerteza e pelas omissões do esquecimento. Um discurso remete a outro, que remete a outro, que remete a outro. (Pessanha, 1987, p. 89-90)

[9] “O amor é **dizer** que **a gente gosta** de uma pessoa e ela **gosta de você**. O amor é o sexo entre duas pessoas. O amor é **dizer** que **te amo e tu me ama**”. (Leonardo, 8ª. série, 14 anos).

Quando traz à tona o discurso amoroso através da fala de personagens, de autores ou de pessoas comuns, Barthes chama a atenção para o fato de que o amor chega até nós sempre como uma voz. São enunciados diversos que, somados, constituem nossa definição de amor, cultural e historicamente determinada. O que se observa nessas falas, no entanto, é que esse discurso é solitário – o sujeito enamorado fala sobre o outro – uma voz que não se escuta. Esse sujeito,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

como Sócrates já havia denunciado no Banquete, é o sujeito da falta; o amante é o sujeito do desejo e o amado é idealizado como aquele que tem a oferecer o que lhe falta.

O BANQUETE AMOROSO: O AMOR E SUAS FACES

A concepção do amor que prevalece hoje no Ocidente provavelmente teve sua origem no Banquete, de Platão. Há muitas semelhanças entre a ideia do amor romântico que se tem hoje e a concepção platônica do verdadeiro amor como sentimento nobre e único, embora os gregos não tivessem o modelo de prazer sexual como o de hoje.

O Banquete é uma cerimônia com regras que, a princípio, parece simples, mas na verdade reproduz um cenário da época: um jogo praticado entre as pessoas da elite da sociedade grega. Os participantes discorrem sobre o amor e combinam que não vão beber, até que Alcebiades entra com outros companheiros, todos bêbados, havendo uma ruptura na maneira como até então o jogo havia sido conduzido. Os que estavam presentes já haviam discursado. Fedro, que sugerira o tema, fora o primeiro a falar e, em seu discurso, apresentara o amor como o mais velho dos deuses (Eros), o que mais ama os homens e é por eles mais amado; é o sentimento que inspira o bem e impede o mal.

Pausânias, ao discursar, faz a distinção entre o amor celeste (o amor nobre e privilégio das pessoas cultas, e o amor vulgar, o amor dos homens rudes, das pessoas comuns). O interessante no discurso de Pausânias é que ele afirma que o amor não é único, não existe apenas uma maneira de amar, o que de certa forma tomamos como ponto de reflexão para a organização dos fragmentos das redações que reproduzem esses discursos.

A partir da fala de cada participante do *Banquete*, foram apreendidas várias imagens vinculadas ao amor. A seguir, fazendo um recorte do trabalho, apresentaremos algumas dessas imagens que se reproduzem nas redações escolares analisadas.

Muitas redações apresentam o amor como aquilo que é divino. Nem sempre as ideias caminham na mesma direção: às vezes o

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

amor é colocado como sentimento vindo de Deus para o homem, ou seja, seria uma condescendência divina, uma prerrogativa; noutras, o amor aparece como a única possibilidade de o homem aproximar-se de Deus. Por ser o mais nobre dos sentimentos, o homem apaixonado torna-se digno de assemelhar-se ao Criador.

[10] “**Amor verdadeiro** é o que **Deus** e nossos pais sentem pela gente. E que muitas pessoas não dão valor”. (Lívia, 8ª. série, 15 anos).

[11] “Hoje à várias formas de amar (...) e o **amor de Deus – o amor mais bonito de todos**”. (Valmir, 8ª. série, 13 anos).

[12] “Há um outro tipo de amor além desse, que é um amor incomparável a esse e que é o **amor que eu sinto por Jesus, pois ele é o amor, o amor procede dele ele é o caminho, a verdade e a vida** e o amor que eu sinto por ele é **incomparável a qualquer outro**, eu costumo dizer que eu o adoro, pois sei e creio que um dia ele virá para buscar a sua igreja a igreja verdadeira para ter a vida eterna com ele, viver ao seu lado, e isso é maravilhoso”. (Emanuel, 8ª. série, 14 anos).

Aristófanos, que é um comediante, narra um mito. Em sua origem, os homens tinham órgãos duplos, eram ágeis e ousados e resolveram atacar o próprio Olimpo. Os deuses, enfurecidos, separaram os homens em duas metades e esta é a origem do amor: o desejo de achar a outra metade perdida. Quando a encontramos, encontramos a felicidade. A seguir, os alunos reproduzem a crença de que existe uma pessoa, a pessoa ideal, predestinada para cada um.

[13] “O amor que faz o cego ver, o surdo ouvir, o amor que faz a luz do sol parecer um poço de escuridão. É cada vez mais difícil encontra-lo, não se encontra em qualquer esquina as vezes pode demorar anos para se encontrar **a pessoa certa** e as vezes, pode ser que ela esteja ao nosso lado”. (Gilberto, 8ª. série, 15 anos).

[14] “Amar é como você encontra **a metade** que estava **faltando** em você, que ti compreende que é amigo, romântico, fiel, que quer está sempre ao teu lado”. (Ana Paula, 8ª. série, 15 anos).

Muitas vezes o amor é colocado como o mais nobre dos sentimentos, e dessa maneira é muito comum marcar a diferença entre amor e paixão. O que chamamos hoje de “amor platônico” está fundamentado na diferença entre Eros e Amor apresentada por Sócrates. O amor verdadeiro, idealizado, o bem supremo e verdadeira beleza a que se deve aspirar aparece em oposição a Eros, a posse do objeto amado. A partir daí começa a distinção entre o que é realmente durável (o amor como essência do ser, tanto do sujeito que ama quanto

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

do objeto amado) e o efêmero, a concretização desse amor, a atração, o desejo satisfeito.

[15] “Tem gente que confunde **amor com paixão**. O amor é uma ‘coisa’ mais tranquila, a paixão é uma ‘coisa’ mais louca”. (Ana Carolina, 8ª. série, 13 anos).

[16] “**Paixão e amor** eu acho que são sentimentos completamente **diferentes**. O amor mexe mais com o **coração e a mente** e a paixão mexe mais com o **físico** das pessoas, mais ambos os sentimentos são bons de sentir”. (Paulo Renato, 8ª. série, 15 anos).

Outra imagem comum é a que vincula o amor à dor. A valorização da sublimação amorosa, como aparece na literatura medieval, também se encontra presente na poesia barroca (séculos XVII e XVI-II). O objeto amado, descrito em linguagem poética, é sempre alguém que está perdido para sempre e, por isso, o poeta sucumbe ao sofrimento. O amor barroco, assim como o amor cortês, está fadado ao desencontro, à sublimação, à dor. Tanto o ideal cristão como a literatura relacionavam a idealização da felicidade amorosa à não concretização amorosa. O sofrimento e a tristeza parecem tornar o amor maior e mais digno, o que vem ao encontro do pensamento platônico.

[17] “O primeiro contato com o amor, costuma acontecer na adolescência, e como consequência vem o **sofrimento, as mágoas**... por isso muitas vezes as pessoas se revoltam e o medo de amar novamente persegue a humanidade que **já sofreu por amor**”. (Amanda, 8ª. série, 15 anos).

[18] “Amar é ajudar o próximo **sem pedir nada em troca**, é compreender **todas as dificuldades da vida**. Amar é respeitar o próximo, **o amor nem sempre é felicidade**, algumas vezes traz a **tragédia** consigo; amar é ser fiel”. (Bruna, 8ª. série, 16 anos).

Foram muitas as imagens observadas nos textos dos alunos como o amor vinculado à morte, o amor-possessivo, amor-imortalidade, amor-arrebatamento (perda da razão), amor com garantia (dentro do matrimônio), para citar algumas. Em consonância com os estudos sobre a contemporaneidade, destacamos a ideia do amor consumo, marcado pelo capitalismo, pelos recursos tecnológicos disponíveis e pelo individualismo exacerbado. O sujeito se identifica a partir do que deseja e consome. Os objetos são adquiridos de maneira intensa e sucessiva, compulsivamente, dando a ilusão da realização imediata do desejo. Contudo, na medida em que satisfaz um desejo, outros vão surgindo, e, dessa maneira, o mercado impõe ao sujeito novas insatisfações. Objetos e pessoas são colados na mesma

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

perspectiva: o objeto adquirido ontem perde seu valor, e, obsoleto, deve ser trocado no dia seguinte.

[19] “O amor tem seus defeitos e qualidades, seus defeitos são: os ciúmes, a desconfiança, o casal fica um **mais distante** do outro **o amor fica enfraquecido** perde a força, o casal quando vai perceber **acaba a relação** de muito tempo dedicado ao parceiro **para o amor acabar assim** de um jeito **tão banal**”. (Patrick, 8ª. série, 15 anos).

[20] “... o importante é que as duas pessoas que estão unidas **sejam feliz só isso que importa**”. (Douglas, 8ª. série, 14 anos).

[21] “Eu acho que a pessoa **tem que se apaixonar** até para **satisfazer seu ego** se sentir mais bonita de bem com a vida ter **mais prazer em viver** e até em se relacionar com outros a sua volta”. (Martha Verônica, 8ª. série, 16 anos).

CONCLUSÃO

Observar o amor através de sua trajetória discursiva nos fez perceber que o ideal amoroso de hoje assemelha-se à visão romântica. O homem moderno procura “romancear” suas relações amorosas, idealizando encontrar em uma só pessoa a felicidade plena e eterna: o encontro de corpo e alma entre dois indivíduos para a realização absoluta de todos os projetos de vida a que se propuserem. Ao mesmo tempo em que o homem moderno é individualista, consumista e não se preocupa com o outro, paradoxalmente, ele está em constante busca do amor. Numa cultura onde tudo é passageiro, procurar algo que contenha a promessa de felicidade plena e duradoura é uma opção tentadora. O amor desperta no homem moderno o desejo de preencher o vazio que encontra em si mesmo (esvaziado na satisfação sucessiva do desejo material). O problema é que o amor se tornou um fim em si mesmo, mas as regras amorosas ainda são muito semelhantes às formuladas no romantismo, cujo modelo é incompatível com o comportamento do homem atual. Diante da dificuldade de “amar romanticamente” o homem moderno sente-se frustrado e sofre. Que saída haveria então?

Há uma rede de consumo que coloca o amor como objeto a ser adquirido: filmes, novelas, livros, moda, propagandas. É preciso, no entanto, estar atento a como o amor é falado. Fala-se de amor, fala-se muito e de muitas maneiras sobre o amor. E esse é o ponto

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

principal: o discurso amoroso, tecido de desejo, de incoerência e de idealização, nada mais é que uma voz. É uma voz que repete o passado e se reflete na fala dos adolescentes de hoje. O reconhecimento da historicidade dessa voz que se impõe com tamanha tirania permite certo deslocamento para se pensar no amor enquanto resultado de prática(s) discursiva(s). Como produto de interdiscursos, o amor está associado a diversas imagens criadas pela própria linguagem e das quais, por outro lado, pode desprender-se. Se o amor é uma crença, novas palavras devem entrar nesse novo cenário para redefini-lo.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

COUTTO, Isabel Osório Tubino do. *O amor em palavras – o discurso amoroso em questão*. Dissertação de mestrado. UFF, 2003.

FREIRE COSTA, Jurandir. *Sem fraude nem favor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Vol. 1. Rio de Janeiro: graal, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1996.

———. *Análise do Discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. Campinas: Unicamp, 1988.

PESSANHA, José Américo Motta. Platão: as várias faces do amor. In: ——. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.